

Correntes Cruzadas

Afrânio Coutinho

VISÃO DO PARAÍSO

O ESTUDO que Sérgio Buarque de Holanda apresentou como tese para concorrer à cadeira de História da Civilização Brasileira, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, é um trabalho que vem abrir um rumo novo nos estudos brasileiros. Ao lado dos estudos de história política e econômica, coloca-se ele como uma interpretação à luz da história das idéias. Intitula-se Visão do Paraíso (Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil) e, sobre ser um magistral ensaio em que excelem as qualidades de grande escritor de quem o assina, traz novas perspectivas de interpretação de nossa história, na linha da moderna corrente historiográfica que acentua o papel das idéias na gênese dos acontecimentos, pondo em relêvo sobretudo o seu conteúdo mítico e a função que a imaginação e o símbolo, o mito e as forças do inconsciente exercem na vida humana. Essa corrente vem sendo valorizada muito recentemente, e um dos mais ativos representantes é o professor Arthur Lovejoy, seu líder nos Estados Unidos, onde a «história das idéias» é um poderoso ramo universitário, centralizado em torno da revista Journal of the History of Ideas, por ele fundada em 1940, e constituindo um excelente repositório, até hoje de estudos dessa natureza.

Em seu primeiro estudo, espécie de manifesto da corrente, «Reflections on the History of Ideas», Lovejoy, que fez de sua cátedra na Universidade de Johns Hopkins o foco da irradiação de suas idéias e realizações, ao lado de figuras como George Boas e outros, oferece os princípios básicos do método. Em vez de estudar as idéias como partes de grandes sistemas, procura investigá-las como unidades, com sua vida própria, sua atuação, sua evolução. Em seu grande livro de 1936, The Great Chain of Being, hoje clássico, procurou dar uma demonstração do método, acompanhando o desenvolvimento da idéia de uma escala de natureza, de «great chain of being», desde Platão até Schelling, nos vários domínios do conhecimento: filosofia, literatura, ciência, religião, etc.

* * *

Na elaboração de sua obra, Sérgio Buarque de Holanda não levou em consideração o livro de Lovejoy que não cita nem inclui na bibliografia. É pena. Porque é evidente o paralelismo das duas teorias, e ninguém no Brasil está tão próximo, pela sua formação espiritual e pelas inclinações intelectuais, da tendência. Sua obra visa justamente a seguir a pista da idéia de paraíso, da visão edênica, na consciência de nosso homem na fase inicial da civilização brasileira, tal como fez Lovejoy. E mostra com êxito o papel dinamizador que ela exerceu na mente do homem brasileiro da época, implicando uma atitude em face da divindade, do mundo e dos homens, toda uma escala de valores e motivações, que está na origem e na explicação de muitos fatos históricos. Sobretudo o que parece mais original na tese do brasileiro é a valorização do mito como força histórica, noção pouco explorada na interpretação de nossa história. É, assim, um dos trabalhos mais fecundos que têm surgido ultimamente, como ponto de partida de uma nova escola historiográfica, a cujo desenvolvimento a cátedra universitária será para o escritor paulista instrumento de grandes possibilidades e oportunidades.